

O ENVOLVIMENTO E A RUPTURA DE ALBERT CAMUS COM O PENSAMENTO DE SUA ÉPOCA

Ludmilla Carvalho Fonseca

Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

A Argélia na qual Camus viveu proporcionou a construção de suas personagens, ao longo dos seus romances, pela ótica do absurdo e da revolta. Para desenvolver a discussão acerca dos aspectos que permearam a vida e a obra do autor, o trabalho está organizado em quatro tópicos. Primeiramente, pretende-se apresentar a Argélia vivida por Camus. Em seguida, propõe-se mostrar que o momento em que ele viveu nessa colônia francesa, ela encontrava-se em determinado contexto socioeconômico, político e cultural particular que marcou a personalidade do autor. Num terceiro momento, aborda-se o envolvimento de Camus de forma intensa com os acontecimentos de sua época, com o ambiente cultural e intelectual. Esse envolvimento precoce e fugaz foi responsável pela composição artístico-literária de suas obras e pelas formulações teóricas em seus tratados filosóficos. Finalmente, discute-se a ruptura entre Camus e os existencialistas e os comunistas, enfocando a inauguração de uma fase na qual o autor abandona qualquer forma de ressentimento, tornando-se maduro e independente.

Palavras-chave: Albert Camus. Argélia. Existencialismo. Ruptura.

The involvement and breaking of Albert Camus with the thought of his time

Abstract

Algeria in which Camus lived provided the construction of their characters over the novels, from the perspective of the absurd and revolt. To develop the discussion of issues that permeated the life and work of the author, the work is organized into four topics. First, we intend to present Algeria experienced by Camus. Then, it is proposed to show that the time when he lived in this French colony, it was in a context socio-economic, political and cultural particular that marked the author's personality. After that, it approaches the involvement of Camus with the events of his time, with the intellectual and cultural environment. This early involvement and fleeting was responsible for the composition of his artistic and literary work and the theoretical formulations in his philosophical treatises. Finally, it discusses the breaking between Camus and the existentialists and the communists, focusing on the inauguration of a phase in which the author abandons any form of resentment, becoming mature and independent.

Keywords: Albert Camus. Algeria. Existentialism. Breaking.

O ENVOLVIMENTO E A RUPTURA DE ALBERT CAMUS COM O PENSAMENTO DE SUA ÉPOCA

Ludmilla Carvalho Fonseca

Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB)

Introdução

O Estrangeiro é uma folha da sua [Camus] vida. E como a vida mais absurda deve ser a vida mais estéril, o seu romance pretende ser de uma esterilidade magnífica. A arte é uma generosidade inútil. Não nos amedrontamos excessivamente: por debaixo dos paradoxos de Camus encontro algumas avisadas observações de Kant com respeito à “finalidade sem fim” do belo. De qualquer modo aí temos O Estrangeiro, desligado de uma vida. Injustificado, injustificável, estéril, instantâneo, já desamparado pelo seu autor, abandonado em troca de outros presentes. E é assim que o devemos tomar: como uma comunhão brusca de dois homens, o autor e o leitor, no absurdo, para além das razões.

Jean-Paul Sartre

O *homem revoltado* de Camus (2003b) está inserido em uma condição de absurdo e busca superá-la através da revolta. Uma situação de desespero, de indignação ou mesmo de estranheza movimenta o sujeito à superação do absurdo no qual se encontra imerso. A revolta camusiana é uma condição fundamental de emancipação do sujeito.

Na epígrafe acima, Sartre desenvolve uma importante análise do romance *O estrangeiro*. Como muitos autores já o fazem, e o próprio Camus também afirmou, existe uma forte vinculação entre a obra e o autor, elemento que será enfatizado mais à frente. Por outro

lado, Sartre mostra também a riqueza contida no romance, em decorrência dele debater o tema do absurdo e da revolta.

A situação avassaladora na qual o protagonista Meursault encontra-se no romance é marcada pelo comportamento estéril e pela atitude silenciada da personagem. O sentimento de angústia e de renúncia cadencia a jornada de Meursault diante de um mundo no qual ele não se vê inserido, estando fora ou não incluso naquele ambiente. A alegria se apresenta quando o protagonista vê-se diante do mar e do sol, entregue ao seu verdadeiro lugar, em comunhão com a sua terra, longe da manifestação sufocante estabelecida pelas relações frívolas da sociedade.

Com base em Sartre (s/d), a obra de Camus é sustentada em sua vida e no contexto social e político por ele vivenciado. Por isso, é relevante discutir as motivações de elaboração do romance *O estrangeiro* e do ensaio *O homem revoltado*.

A excessiva vinculação da vida de Camus à sua obra reflete na relação existente entre o tema filosófico (revolta) e o tema literário (estrangeiro). Para Todd (1998, p. 208), toda a obra de Camus é marcada pelo menos por um traço biográfico. “Um romance, uma peça de teatro, um ensaio, um tratado de filosofia são, com frequência, imensos espelhos deformantes. Advinham-se nele a personalidade e os acontecimentos da vida do escritor, transposta”.

Em sua primeira obra escrita, mas não publicada, apenas postumamente, em 1971, intitulada de *A morte feliz* (CAMUS, 1997), encontram-se traços biográficos evidentes. Por exemplo, quando é citada uma viagem à Tchecoslováquia realizada pelo autor e também pela personagem protagonista Patrice Mersault. Outro exemplo é a descrição da Casa Diante do Mundo, lugar onde Camus e três amigas residiram, sendo também descrita com precisão de detalhes em *A morte feliz*. Segundo Pinto (2005, p. 8), Camus desistiu de publicar seu primeiro romance

exatamente por causa da contiguidade excessiva entre a ficção e sua vida pessoal, preferindo o despojamento de *O estrangeiro*, cuja cadência indiferente, que tudo iguala (prazer, luto, inocência, culpa), corresponde melhor o tema do absurdo que atravessa sua obra [...].

Outros traços biográficos também são encontrados no livro *O avesso e o direito*, onde Camus (2007) descreve, entre outros acontecimentos, sua infância pobre e o estupro sofrido por sua mãe. O caso mais emblemático é o livro *O primeiro homem*, o qual Camus (2005) não publicou devido à sua morte. Seria, conforme esclarece Pinto (2005), a maior obra de Camus, tendo como

conteúdo sua vida desde seu nascimento, a perda precoce do pai, a rigidez da avó, seus dias de escola, entre outros.

A Argélia colonial vivida por Camus

É importante entender que a Argélia se localiza no continente africano (na sua porção norte), tendo o Mar Mediterrâneo como principal fonte de comunicação com a Europa (ver mapa abaixo)¹. A Argélia é um dos maiores países da África, e o deserto do Saara predomina em grande parte de seu território. Na parte banhada pelo Mar Mediterrâneo encontram-se as terras férteis, local de predominância na ocupação daquele país.

A maior cidade da Argélia é a capital Argel, local onde Camus viveu grande parte de sua vida, passando sua infância em um bairro operário de colonos franceses, ao lado do bairro dos árabes. Outra cidade importante, a segunda maior, na qual Camus também viveu, é a cidade de Oran, localizada mais a noroeste do país. Argel é o cenário vivido pelo protagonista de *A morte feliz* e de *O estrangeiro*, e Oran é a cidade descrita por Camus (2003a) no livro *A peste*.

¹ O Mar Mediterrâneo divide a Argélia (e o continente africano) da França (e do continente europeu). Além de ser uma barreira geográfica, o mar é um veículo de comunicação e envolvimento cultural entre o sul da Europa e o norte da África.

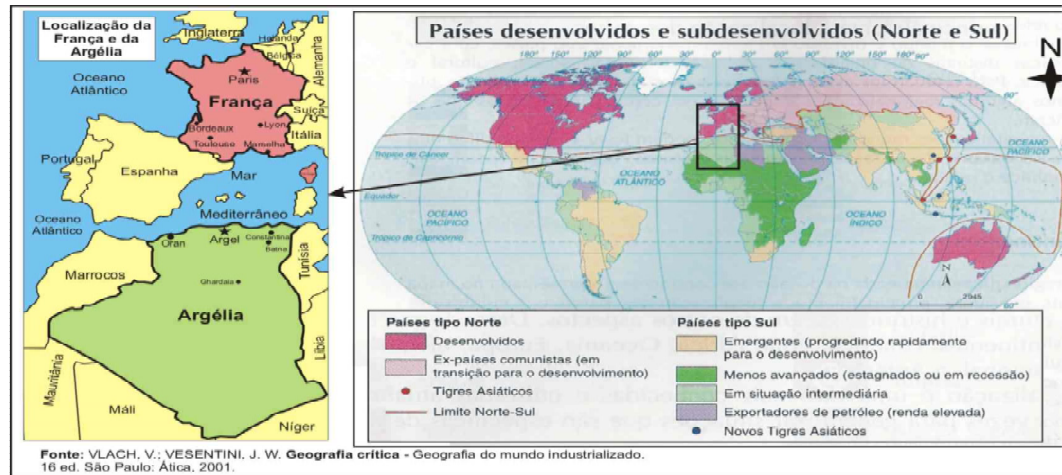


Ilustração 01: Localização da França e da Argélia/ Países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Na Argélia ocorre uma forte contradição entre a região litorânea (mais úmida e desenvolvida) e a região tomada pelo deserto (menos ocupada e mais pobre). Essa condição reflete também a divisão de classes e de grupos étnicos argelianos. Segundo Todd (1998), Camus via o litoral como um paraíso perdido, onde o sol, o mar, a luminosidade e o sentimento de liberdade e prazer predominavam nesse ambiente.

Quando Camus viajou para a região desértica da Argélia, ele encontrou um outro país, marcado pelo esquecimento, pela pobreza (casos de miséria) e pela falta de assistência e integração ao resto da nação. Enquanto que na porção litorânea viviam os colonos franceses (conhecidos pejorativamente como *pieds-noirs*), os militares e os árabes, a região desértica era habitada por povos eremitas, sendo os Cabilas os que predominavam. Eles viviam num estado de extrema resignação e à mercê de recursos básicos para a sobrevivência.

A divisão social da Argélia no período colonial era rígida. Segundo Todd (1998), Camus não considerava a divisão social argeliana somente pelo prisma dos colonos e dos árabes. Em decorrência da colonização francesa, com base em Camus, existia uma forte divisão entre colonos ricos, donos de terras; colonos pobres, arrendatários ou operários (Camus era filho de um colono pobre); havia os árabes que detinham os meios de produção; havia também os árabes marginalizados, principalmente aos olhos dos colonos franceses; e existia a classe mais subalterna, os cabilas. Vale destacar que existia a mesma concepção antissemita na Argélia, comum em todas as nações colonizadas. Para o francês, o árabe estava em um estágio atrasado de civilização.

As consequências dessa divisão social e da concentração de renda estavam ligadas ao modo como o país foi colonizado. No período em que Camus vivenciou seu país (primeira metade do século XX) ocorriam fortes mudanças no plano político, social e econômico. Desenvolvia-se na Argélia um sentimento de independência da França, de concessão dos benefícios sociais argelianos aos árabes e ampliação da infraestrutura daquele país.

Por sua vez, a colonização da Argélia iniciou a partir dos conflitos ocorridos entre os povos nativos, denominados de Berberes, no ano de 1830. Pela localização privilegiada, a Argélia sempre foi alvo de ocupações de povos distintos vindos da Europa e da Ásia. Conforme destaca Lippold (2005), os franceses expulsaram os Berberes e foram gradativamente ocupando as terras férteis do norte da Argélia. Foi uma colonização de povoamento, organizada através de frentes de ocupação, doações de terras ou compra de terras de árabes.

Camus (2005) demonstra, com riqueza de detalhes, como se deu a chegada de sua família no norte da Argélia, no assentamento de Mondovi (proximidade de Argel), onde ele nasceu. Seu pai trabalhou em uma vinícola, atividade econômica predominante daquela época introduzida pelos franceses. Era uma atividade semi-feudal, onde os colonos utilizavam as terras da metrópole e repassavam altos tributos. Os árabes realizavam trabalhos similares à servidão. Ocorria uma delicada e conflituosa relação entre colonos franceses e árabes.

Por ser filho de colonos franceses, Camus se situava em uma condição de relativo privilégio, pois tinha direitos garantidos. Frequentou escola e universidade. Segundo Todd (1998), Camus sempre teve uma relação próxima com os árabes, da infância até a fase adulta, onde defendeu profundamente seus direitos. Por outro lado, conforme é descrito pelo próprio Camus (2005) e por Todd (1998), o autor viveu em uma situação de pobreza iminente. Com a morte de seu pai na Primeira Guerra Mundial, um ano depois de seu nascimento, a família de Camus se mudou para Argel. Lá, sua mãe e sua avó eram domésticas, e seu tio, tanoeiro. Eles viviam em uma casa humilde (três cômodos), se alimentavam mal e viviam com recursos

esparços. Ao longo de sua vida, continuou a viver com dificuldades econômicas, findando com os prestígios advindos dos livros *O estrangeiro*, *O mito de Sísifo*, e *A peste*.

Camus viveu pobre numa Argélia pobre e colonizada. Esse sentimento colonial inferiorizado não neutralizou a criação artística, intelectual e política do autor. Ao contrário, a situação colonial sublimou e lançou Camus para o mundo. Para melhor conhecer os elementos que possibilitaram o desenvolvimento do *homem revoltado*, é necessário debruçar sobre as características socioeconômicas e políticas da Argélia colonial.

O contexto socioeconômico e político da Argélia de Camus

No período em que Camus viveu na Argélia e na França (de 1913 a 1960)², ocorreram marcantes mudanças políticas no plano mundial, dentre elas, duas guerras mundiais, formação de totalitarismos vinculados ao nazismo, ao fascismo e ao stalinismo. A primeira metade do século XX também foi marcada por transformações no plano intelectual, com o desenvolvimento da fenomenologia, com Husserl e Heidegger, e do existencialismo, tendo Sartre como destaque. Foi nesse período que se fortaleceram as lutas pelas independências, ou descolonização de países africanos, dentre eles, Marrocos, Tunísia e Argélia.

Mas antes dos marcantes acontecimentos do século XX, a Argélia também vivenciou, no século XIX, momentos distintos que prepararam-na para o decorrer dos séculos.

A história argeliana, sob jugo da França, iniciou em 1830, conforme já foi destacado, com a colonização francesa sobre os povos berberes. Essa colonização de povoamento ocorreu de forma gradual, através do confisco e compra de terras, principalmente na sua porção mais valiosa e economicamente ativa (região norte litorânea).

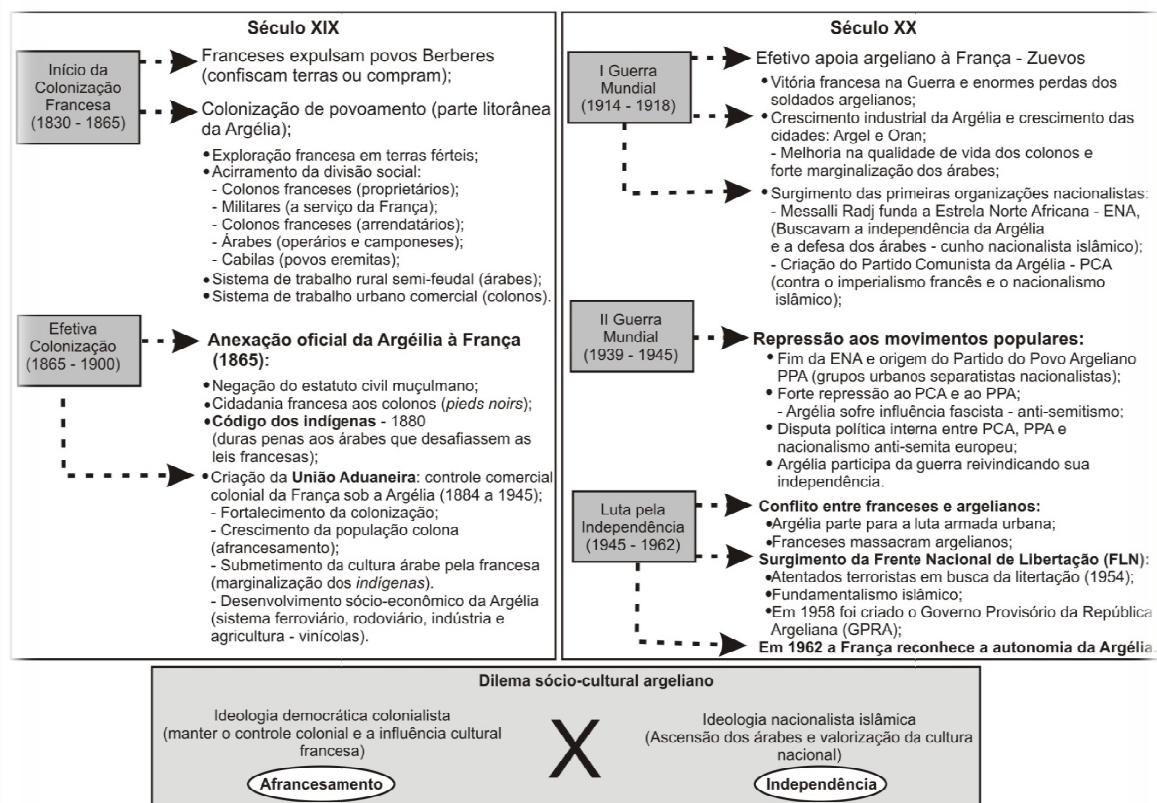
O início da colonização francesa se estendeu de 1830 a 1865, ano da oficial anexação de todo o território argeliano à França. As principais consequências dessa agregada relação entre metrópole (França) e colônia (Argélia) foram: o acirramento da divisão social; a organização de sistema de trabalho semifeudal, tendo o predomínio da exploração do trabalho dos árabes; e a formação de um sistema de trabalho urbano – comercial ou operário – formado entre os camponeses e os árabes. Camus e sua família participaram, inicialmente, do trabalho rural e, posteriormente, do trabalho urbano, sendo operários.

² É importante destacar que Camus nasceu em 1913 e faleceu em 1960. Nesse período, ele não viveu regularmente na Argélia, se alternando, a partir de 1939, entre a França e a Argélia. Camus faleceu na França, em 1960, mas não deixava de sempre vivenciar a Argélia.

Com a anexação oficializada da Argélia à França, ocorreu a efetiva colonização. Vale destacar que a colonização francesa enfrentou dificuldades em decorrência da coesão cultural dos árabes e do fundamentalismo islâmico presente entre esses povos. Em detrimento dessas dificuldades, a França desenvolveu métodos políticos imperialistas para conter a agitação dos povos árabes e, conseqüentemente, conseguir efetivar sua colonização.

Uma das primeiras medidas adotadas pela França foi a criação do estatuto muçulmano, que negava os direitos de cidadania francesa àqueles que não se desvinculassem dos preceitos religiosos do islamismo. Quem realizasse essa condição ganharia direitos franceses. Essa medida imperial enfraqueceu a força política dos árabes e acirrou os conflitos étnicos entre árabes e franceses.

Contexto histórico e sócio-político da Argélia nos séculos XIX e XX



Fonte: CAMUS, A. *O primeiro homem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
 LIPPOLD, W. R. *O pensamento anti-colonial de Frantz Fanon e a Guerra de Independência da Argélia*. Monographia. Porto Alegre. N. 1. 2005.
 TODD, O. *Albert Camus - uma vida*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
 Organização: Ludmilla Carvalho Fonseca.

Ilustração 02: Contexto histórico e sociopolítico da Argélia nos séculos XIX e XX.

Outras medidas importantes foram a concessão de direito de cidadania francesa aos colonos e a criação do *código dos indígenas* (árabes) em 1880, o qual previa duras penas aos nativos que desafiassem as leis francesas, estabelecendo limitadas liberdades aos povos árabes. Com a criação da União Aduaneira (de 1884 a 1945), os franceses detiveram o controle comercial e econômico da nação colonizada.

Todas essas medidas marcaram o século XIX e projetaram o país para o século XX, incidindo de forma direta na vida dos argelianos. As consequências principais foram: o crescimento da população francesa na Argélia, ocorrendo o afrancesamento da nação, marginalizando os árabes; a aceleração do desenvolvimento econômico da Argélia, com maior densidade de infraestrutura; e a chegada efetiva da cultura francesa na colônia.

A desigualdade latente desenvolvida entre árabes e colonos causou em Camus muita indignação, fazendo com que ele, em toda sua carreira intelectual, ao longo dos jornais em que trabalhou, denunciasse os efeitos nefastos dessa condição. Outros acontecimentos marcantes na vida de Camus foram a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Camus não vivenciou a Primeira Guerra, mas perdeu seu pai nesse conflito, trazendo um trauma e incansável posicionamento contrário às guerras durante toda sua carreira intelectual. “Cresci, como todos os homens de minha idade, ao rufo dos tambores da Primeira Guerra Mundial, e a nossa história, desde então, não cessou de ser assassinio, injustiça ou violência” (CAMUS, S/D, p. 101).

O fato mais marcante do início do século XX, ocorrido na Argélia, foi o apoio do país aos exércitos franceses. Nesse período, o nacionalismo francês estava bem consolidado em terras argelianas. O desastre da Primeira Guerra matou milhares de argelianos, mais do que franceses (TODD, 1998). Após a grande guerra, houve o crescimento das duas principais cidades da Argélia: Argel e Oran. Em decorrência do crescimento industrial argeliano, ocorreram melhorias na qualidade de vida dos colonos e maior distinção social entre colonos e árabes.

Essas distinções sociais e culturais promoveram o desenvolvimento de movimentos nacionalistas, socialistas e comunistas no país. A agitação política no país foi tomando cada vez mais força, principalmente através da criação do Partido Comunista Argeliano (PCA), originário da cisão do Partido Comunista Francês (PCF). Havia também movimentos anarquistas bem organizados e numerosos e os movimentos nacionalistas que preconizavam a independência da Argélia e a autonomia dos árabes.

O principal líder dos movimentos nacionalistas foi Messali, quem fundou a Estrela Norte Africana (ENA). Camus vinculou-se ao PCA em 1934, por incentivo de seus companheiros do jornal e do teatro, porém, ele defendia e simpatizava com as ideias de Messali,

pois este buscava maior autonomia para os árabes e o respeito à sua identidade cultural e religiosa.

Aproximando-se da Segunda Guerra Mundial, o PCA foi ficando cada vez mais enfraquecido, diante das iniciativas políticas do fascismo italiano e do nazismo alemão. O governo argeliano alinhou-se aos totalitarismos europeus e começou a fomentar o antissemitismo entre argelianos e árabes. Os comunistas eram contra o nacionalismo e o fundamentalismo religioso de Messali, e também contra o imperialismo francês, contudo, não negavam a situação colonial argeliana. Isso possibilitou o crescimento dos movimentos nacionalistas árabes.

Durante a Segunda Guerra, ocorreram intensas medidas de repressão aos movimentos nacionalistas argelianos, aos partidos comunistas e às organizações anarquistas. O governo argeliano aceitou participar da guerra como aliado da França, reivindicando, em troca da aliança, a independência do país ao término da guerra. Novamente ocorreram várias perdas de soldados argelianos.

Não sendo cumprido o acordo, desenvolveram-se fortes enfrentamentos entre argelianos e franceses, nas ruas de Argel. A guerrilha urbana argelina organizou-se em grupos paramilitares. A partir desse momento, surgiu a Frente de Libertação Nacional (FLN), dos dissidentes radicais do grupo de Messali. As atitudes dessa facção eram atentados terroristas e ações vinculadas ao fundamentalismo islâmico. Em 1958, a união dos países do norte da África, dentre eles, Tunísia, Marrocos e Egito, juntamente com a Argélia, decretou a criação do Governo Provisório da República Argeliana (GPRA). O movimento era dotado de diversidade étnica dos membros, composto por franceses, colonos e árabes. Em 1962, o governo francês reconheceu a independência da Argélia.

Durante a história da colonização e da luta pela descolonização da Argélia, um traço sociocultural ficou evidente: o dilema argeliano da busca por uma identidade cultural a partir da metrópole francesa, definida pela ideologia democrática e colonialista; em contraposição a esse dilema, o da construção de uma nacionalidade genuína, interna, que já tinha sua história, que fora submetida pelo imperialismo francês. Esse mesmo dilema que oscila entre o afrancesamento e o nacionalismo foi sentido por Camus.

Camus, que tanto se posicionou a favor da autonomia do povo argeliano, faleceu em 1960, não presenciando a independência de seu país. Todavia, viveu em meio a essas agitações políticas de forma ativa e consciente. Segundo Todd (1998), Camus temia que o radicalismo islâmico na Argélia levasse a uma independência frustrada, sendo necessária não a autonomia política, mas a autonomia cultural, social e econômica. Esse posicionamento gerou críticas a

Camus durante a época. Por outro lado, funcionou como um prelúdio aos fatos que posteriormente a Argélia viveria na década de 1990, com a sangrenta guerra civil diante do radicalismo religioso.

O envolvimento artístico e intelectual de Camus

Sua primeira vinculação aos movimentos políticos aconteceu entre os anos de 1934 e 1935, quando, indignado com as relações desiguais entre árabes e franceses na Argélia, ele decidiu debater a forma de alteração dessa condição. Segundo Todd (1998), Camus não se assumia marxista, e não tinha apreço pelos movimentos comunistas radicais da França, pois buscava um partido que defendesse a Argélia. Sob pressão de seus amigos e de seu professor Grenier, resolveu se filiar ao Partido Comunista (PC).

Mas Camus via que a ação política não devia ser desvinculada da ação cultural e artística, comportamento que não foi bem reconhecido pelos seus partidários. O que levou Camus a aderir-se ao PC foi o crescimento do fascismo e do nazismo pela Europa e que já avançava pela Argélia. Percebendo que o PC defendia somente interesses europeus, não se sensibilizando com a pobreza dos colonos e dos árabes, Camus resolveu se vincular ao Partido Comunista da Argélia (PCA), que fora criado no momento para defender os interesses argelianos.

No plano artístico, Camus se envolveu com a Casa de Cultura, instituição que promovia espetáculos e fomentava a cultura em Argel. Lá, Camus coordenou peças e trabalhou ativamente escrevendo e dirigindo espetáculos, sendo o coordenador do teatro popular. No entanto, as peças encenadas não eram todas de cunho político marxista, causando certo desconforto nas relações entre Camus e os membros do PCA. Outro fator de desconforto foi o não envolvimento ativo de Camus com as ações políticas de panfletagem e divulgação do partido, reservava sua ação à criação artística.

Ao concluir seus estudos universitários, Camus buscou estudar filosofia clássica e antiga e não os preceitos sociais da filosofia marxista. Ao realizar uma viagem à Europa, o jovem sofreu uma decepção amorosa, pois descobriu que sua esposa, Simone Hié, o traía. Passou dias de angústia e de isolamento no continente, principalmente na Tchecoslováquia. Essa viagem foi decisiva para efetivar mudanças na sua carreira. Escreveu seu primeiro livro, *A morte feliz*, porém não o publicou. Essa viagem é retratada por ele no livro. Em um momento de

forte decepção amorosa, sua vida se confunde com a de Patrice Mersault, conforme destaca Todd (1998, p. 122).

Um escritor esconde por trás de seus personagens e, frequentemente, quanto mais jovem ele é, menos se disfarça. Depois dessa viagem, Camus iniciará um romance. Seu herói, Mersault, se parece com ele – quase demais. A viagem à Tchecoslováquia contada se cola à do casal. Camus está cansado e desmoralizado, como Mersault, mas, no romance, o leitor não entende por que Mersault foge da Argélia depois de um assassinato que não lhe toca.

Camus também buscou escrever outro livro, que foi o seu primeiro a ser publicado: *O avesso e o direito*. Ao voltar para a Argélia, se separou de Simone Hié e passou a morar junto com três amigas na *Maison Fichu*, denominada por eles de *A Casa Diante do Mundo*. A partir desse momento, seu envolvimento com o teatro ganhou mais força, e sua ligação com a política perdeu expressividade. Participando ativamente das atividades do *Théâtre du Travail*, o jovem escritor fez adaptações de peças, dedicando-se com perseverança ao teatro, além de ter sido secretário geral da Casa de Argel, uma espécie de Casa de Cultura na Argélia.

O PCA temeu que o crescimento de movimentos populares argelianos em defesa dos árabes os levasse a um ultranacionalismo. Com a criação do Partido Popular Argeliano (PPA), ocorreu uma crise entre socialistas e comunistas. Camus se aproximou do PPA, pois este defendia os interesses dos árabes e era contrário ao colonialismo francês, fato não admitido pelo PCA. As críticas de Camus à posição colonialista do PCA e os seus espetáculos no teatro, abordando temas universais, como o absurdo, a revolta, o desespero humano, entre outros, rendeu a sua expulsão do partido em 1937.

Em vinte meses, Camus perdeu sua mulher e seu partido. Romper com o aparelho marca-o sem o traumatizar, pois não tem a sensação de ter traído uma classe. Permanece fiel aos operários de Belcourt [bairro operário em que viveu], europeus ou “indígenas”. Tira pelo menos uma conclusão imediata desse episódio: seu negócio não é o teatro de mensagem política (TODD, 1998, p. 158).

Frustrado com todos esses acontecimentos, Camus viu-se sem emprego e moradia. Vivia com pouca renda advinda de aulas particulares e com um trabalho de meteorologista. Em 1937, ao fazer exames de admissão para conseguir lecionar na universidade, sofreu outra

frustração, descobriu que não foi admitido devido à sua tuberculose. O seu grande amigo Pascal Pia o convidou para trabalhar no jornal *Alger Républicain*. Inicialmente, Camus não se interessou pelo emprego, porém sua grande capacidade de escrita trouxe segurança e apreço pela nova profissão. Os artigos de Camus e de Pia tinham o teor político, mas não partidário, com caráter crítico profundo e com responsabilidade. É a partir desse jornal que o jovem escritor começou a se estabilizar financeiramente. A forte expressão do jornal e sua capacidade crítica fizeram com que ele logo fosse fechado devido à censura argeliana, levando Camus e Pia novamente ao desemprego.

Durante o período de enormes trabalhos no *Alger Républicain*, Camus ainda encontrava tempo para o teatro. Com a sua expulsão do teatro comunista, Camus criou o *Théâtre de l'Équipe*, no qual ampliou seu raio de apresentações, se realizando pessoalmente. Cassado pelas autoridades argelianas, Camus e Pia vão para a França em 1938. No mesmo ano, antes de viajar, publicou o livro de ensaios *Núpcias* e escreveu a peça *Calígula*, tendo grande aceitação pelo público.

Na França, passou dias de exílio. Conseguiu um emprego no jornal *Paris Soir*, trabalhando em funções burocráticas, não escrevendo nada de expressivo. Esse momento de exílio foi propício para desenvolver e concluir seu importante romance *O estrangeiro*. O jornal também foi cassado, e Camus, sem emprego, voltou à Argélia, dessa vez residindo em Oran. Mas como tinha uma forte ligação com Argel, ficava transitando entre as duas cidades. Em Oran, residiu na casa de sua futura sogra, pois estava noivo de Francine.

Os irmãos Bensoussan (irmãos de Francine) foram a uma praia nas proximidades de Oran, denominada de Bouisseville e conflitaram com um árabe por ele ter insultado uma de suas namoradas. A história chamou a atenção de Camus que a inseriu no romance, adaptando-a, sendo o momento em que o árabe é assassinado por Meursault. O sentimento de exílio vivido na França, as decepções vividas no período, e os acontecimentos em Oran e em Argel influenciaram Camus (1982) compor seu romance *O estrangeiro*. Na mesma Oran, Camus começou a construir a ideia de um novo romance, *A peste*, que ocorre nesta cidade.

O personagem de Meursault é inspirado em Camus e em Pascal Pia, em Pierre Galindo, nos irmãos Bensoussan, em Sauveur Galliero e em Yvonne. Semelhanças não constituem uma identidade. O todo é superior à – ou diferente da – soma das partes reunidas na autonomia imprevisível, maravilhosa e forte da imaginação criadora. Marie não é Francine. O escritor Camus domina seu romance, o homem Camus não domina sua vida. Meursault não se interroga, Camus se inquieta. Meursault mostra uma tranquilidade que está além da moral judaico-cristã corrente, Camus busca

uma porta de saída. Meursault está longe de Calígula, mas máscaras e tentações do escritor que duvida de si mesmo e confia em si, os dois personagens são próximos de Camus (TODD, 1998, p. 255).

Num estado de profunda decepção, angústia e absurdo, Camus (2006) concluiu seu tratado filosófico sobre o absurdo: *O mito de Sísifo*. Queria publicá-lo junto ao romance *O estrangeiro* em decorrência de tratarem do mesmo tema. Conseguiu um emprego na editora Gallimard e mudou-se para a França. Pia enviou *O estrangeiro* e o *Mito de Sísifo* a Gaston Gallimard, que queria publicá-lo imediatamente. Enviou também os livros para grandes escritores franceses da época como: Gide e Malraux, que aprovaram, fizeram críticas e tornaram-se amigos de Camus. Viram no jovem escritor um grande talento.

Devido à censura durante a Segunda Guerra Mundial, *O mito de Sísifo* sofreu cortes na parte da análise sobre Kafka. Com a publicação dos dois livros (o romance e o ensaio) Camus viveu momentos de prestígio. Os livros foram bem aceitos e causaram polêmicas nos círculos intelectuais da época. A invasão dos alemães na porção norte da França obrigou Camus a se mudar de Paris para Lyon. Em plena guerra, publicou *Cartas a um amigo alemão*, texto que descreve os dilemas do nazismo na Europa, dando ainda mais prestígio ao autor. *O mito de Sísifo* foi uma espécie de tratado do absurdo, coroaria seu trabalho sobre o tema, iniciado no romance *O estrangeiro*.

Denso, epigramático, de clareza enganosa, *O mito de Sísifo* apresenta-se como um ensaio curto, sem jargão técnico, compacto – muitas vezes demais. Camus fala do mundo, da história, e também de sua vida. Pode-se passar o livro por vários filtros.

Carregando dentro de si esse ensaio há quatro anos, Camus filosofa como que a despeito de si mesmo. Escritor, ocupando-se das relações da estética com a moral, não quer propor uma moral universal. É muito difícil formar uma moral individual. Camus vê um universo indizível em que reinam a contradição, a antinomia, a angústia ou a impotência (TODD, 1998, p. 307 e 308).

Camus começou a trabalhar no jornal *Combat* e participou ativamente da resistência dos intelectuais franceses à invasão nazista. Em 1944, montou a peça *O mal-entendido*, que não teve tanta repercussão. Com o fim da guerra, começou uma nova fase da carreira do escritor. Ao discordar da nova orientação política do *Combat*, decidiu afastar-se do jornalismo. Esse momento ficou marcado pela ruptura do escritor com o pensamento de sua época.

A ruptura de Camus com o pensamento de sua época

Então, planando em pensamento por cima de todo este continente que me é subordinado sem saber, bebendo a luz de absinto que se eleva, ébrio, enfim, de palavras más, sou feliz, sou feliz, estou lhe dizendo, proíbo-o de não acreditar que sou feliz, que morro de felicidade! Ah, sol, praias, e as ilhas sob os alísios, juventude cuja lembrança desespera! (CAMUS, s/d, p. 98).

Nessas palavras do protagonista de *A queda*, a exaltação da felicidade surge de uma grande decepção e ruptura com um modelo de vida artificial que lhe neutralizava. Camus sentiu de forma semelhante quando partiu para a vida com o propósito de romper com o pensamento de sua época.

Tudo começou quando o escritor se envolveu ativamente na resistência política do jornal *Combat*, durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, as duas guerras vividas por Camus foram decisivas para o desenvolvimento de sua obra. A Primeira Guerra fez com que ele buscasse entender profundamente o absurdo e suas consequências. Já a Segunda Guerra provocou seu envolvimento político e sua disposição para a revolta, fazendo com que entendesse a distinção entre revolta e revolução, e a relação entre absurdo (nihilismo) e a superação do absurdo através da revolta (superação do nihilismo).

Diante desse contexto de resistência política, Camus conheceu Sartre. Com o sucesso de seu ensaio e de seu mais novo romance, Sartre fez uma profunda e bem elaborada crítica ao livro *O estrangeiro*, apontando crítica, mas reconhecendo o grande talento de Camus como escritor. Sartre e Simone de Beauvoir não participaram, como Camus participou, com tanta dedicação da resistência à guerra em andamento. A amizade entre eles foi muito intensa e acabou de forma drástica.

Por muitas vezes, Camus foi confundido como defensor dos preceitos do existencialismo defendidos por Sartre, comparação que ele não aprovava. O próprio Camus argumenta que o existencialismo de Sartre edifica conceitos e formula razões, enquanto que ele busca a compreensão da existência pela interpretação do vivido, pois rejeita o universalismo contido no existencialismo. A partir desse contexto, ele busca superar sua fase de absurdo.

Distancia-se do absurdo e tenta combater sua nostalgia: “Já que a palavra existência cobre alguma coisa, que é nossa nostalgia, mas já que ao mesmo tempo ela não pode deixar de estender-se à afirmação de uma realidade superior, só o conservaremos de forma convertida – diremos filosofia inexistencial, o que não comporta uma negação mas pretende apenas dar conta do estado do ‘homem privado de’. A filosofia inexistencial será a filosofia do exílio”

[...]

Não sou e nunca fui existencialista. O existencialismo ateu vive hoje baseado em princípios originais tais como ‘não há natureza humana mas o homem existe antes de ser’.” Camus afirma que a existência precede a essência: isso não o transforma em sartriano mas o define, entre outras coisas, como não-cristão. Ele manipula o paradoxo: “Somos obrigados a ser livres embora ninguém nos force a isso.” Ou ainda: “Todo o mundo é responsável por sua sorte e ninguém merece a piedade, mas é preciso fazer uma exceção para os pobres, que são a maioria.” Uma lógica tão luminosa sempre me pareceu adequada a preparar os espíritos para qualquer tipo de servidão. Isso não tardou, e os existencialistas de hoje são os advogados generosos de um estado policialesco” (TODD, 1998, p. 341, 592, 593).

O romance-relato que faz alusão ao absurdo promovido pela Segunda Guerra, *A peste*, é o seu mais extenso e o que lhe rendeu mais prestígio. Apesar de tê-lo reescrito várias vezes e por durante cinco anos, é o romance em que o autor mostrou como a revolta é necessária em momentos tomados pelo absurdo. O autor trata a revolta como tema central do seu romance, partindo do pressuposto dos absurdos geridos pelo totalitarismo nazista, fascista e stalinista. Os ratos no romance são uma representação da opressão nazista. Desse ponto que se torna evidente a diferença entre *O estrangeiro* e *A peste*.

O mundo já não parece absurdo, mas terrível. Resposta que Camus quer dar em sua vida e sua crônica: a revolta. O homem absurdo, Meursault ou os heróis abstratos de *O mito de Sísifo* foram superados pelos acontecimentos, pelas reflexões de um homem preso pelas tormentas das histórias francesa e europeia. Aquele que lidou com a ideia de que tudo é permitido se Deus não existe, com a dupla tentação de se desvencilhar da moral convencional e de fundar uma outra, constata que não se pode suprimir absolutamente os juízos de valor. Isso nega o absurdo. Quanto à estética, Camus, artesão artista, fez uma de suas apostas: imaginou um “autor escrevendo cada um de seus romances num estilo diferente”. O estilo de *A peste*, tranquilo e amplo, difere radicalmente daquele de *O estrangeiro*, curto e seco. Dir-se-ia um lago depois de uma torrente. (TODD, 1998, p. 346).

A maturidade de Camus com relação à revolta fez com que ele aprofundasse sua jornada enquanto escritor, passando pelo tema do absurdo (*O estrangeiro* e *O mito de Sísifo*) até chegar à revolta (*A peste* e *O homem revoltado*), sempre compondo através dos gêneros romance, ensaio e drama. Portanto, dedicou-se intensamente a terminar seu novo e mais extenso ensaio filosófico: *O homem revoltado*. Esta obra foi a que lhe rendeu maiores conflitos com sua geração.

Enquanto toda sua geração alinhava-se às tendências da revolução, ao crescimento do comunismo, Camus apresentou uma outra linha de pensamento, diferente do jogo bipolar capitalismo *versus* comunismo, comum no pós-guerra. E este foi o principal motivo de ruptura entre Camus e a sua profissão de jornalista, e também entre o autor e Sartre e sua atmosfera intelectual.

No final da Segunda Guerra, Camus assumiu a chefia de redação do jornal *Combat*, liderando as críticas à política autoritária do período. Tornou-se muito conhecido devido aos seus ótimos artigos sobre a guerra. Com o fim da guerra, Camus não descansou. Sensibilizou-se com os conflitos na Argélia e com sua luta pela independência. Foi criticado por não defender o PCA, pois temia sua defesa ao imperialismo francês, e via também que a independência argeliana devia ocorrer de forma mais gradual, promovendo primeiro uma reformulação na república que viria surgir, incluindo os árabes, combatendo a pobreza e dando maior liderança e autonomia ao povo do seu país.

Sartre não agradou com as recentes posições políticas de Camus. O primeiro aderiu com maior dedicação à política da URSS e exigiu que Camus tomasse partido entre os EUA e a URSS. Por sua vez, Camus buscou aprofundar mais suas concepções sobre revolta.

Com o fim da guerra, o jornal *Combat* perdeu um pouco de prestígio, e De Gaulle tentou introduzir um posicionamento partidário no jornal, concedendo-lhe uma reforma no seu formato. Nessas condições, Camus divergiu de seu maior amigo e incentivador da profissão de jornalista: Pia. Eles romperam uma intensa amizade, que nunca mais foi reatada. Não aceitando o partidário do jornal, Camus saiu do jornal junto com Pia.

Abandonando a profissão de jornalista, Camus continuou a profissão de editor da Gallimard. Tendo mais tempo para trabalhar seus escritos, concluiu e publicou *A peste*, e no outro ano, publicou também *O homem revoltado*. Os livros tiveram ótima aceitação, mas Camus ficava cada dia mais isolado e divergente do seu contexto intelectual. Nesse período, escreveu e

dirigiu sua nova peça, *O estado de sítio* (CAMUS, 1982), na qual também aborda a revolta, descrevendo situação similar à do romance *A peste*.

Defendendo com confiança o tema da revolta, o momento posterior à publicação do seu último ensaio (*O homem revoltado*) é de muito conflito intelectual, trocas de acusações formais, embates ideológicos e decepções com amizades consolidadas há décadas. Todd (1998, p. 565) demonstra a situação em que *O homem revoltado* foi escrito.

Nesse livro, Camus pensa sozinho contra seu meio na França e revolta-se contra os clichês de uma *intelligentsia* de esquerda à qual pertenceu. Sua salvação se encarna na revolta artística do escritor. Escrever é agir contra uma história encarnada pelo fascismo, pelo comunismo, pelo nazismo, pelo franquismo, cujas finalidades repousam em crimes cada vez mais irracionais.

Buscando encarnar a revolta, agindo contra a história escrita pelos totalitarismos, Camus provocou muita ira em seus contemporâneos. Os iniciais conflitos ocorreram contra os escritores vivos que foram atacados no ensaio: Breton e Aragon. A imprensa de esquerda elaborou contínuas e incisivas críticas a Camus.

Mas o conflito mais acirrado se deu com Jeanson, que escreveu uma extensa e dura crítica ao livro e à carreira de Camus em um artigo da revista coordenada por Sartre, *Les Temps Modernes*. Camus responde acusando Sartre de ter sido cúmplice das críticas de Jeanson. Sartre faz mais extensas críticas a Camus, chegando ao ponto de acusá-lo de ter insuficiência filosófica, direcionando também acusações de cunho pessoal. Camus responde com a mesma efervescência, e a consolidada amizade entre ambos é destruída. Toda a geração de Sartre afasta-se de Camus. Todd (1998, p. 583) resume bem o temperamento dos dois escritores:

Têm um igual desejo de transformar a sociedade. Sartre e Camus querem uma nova ordem social, mais humana. A paixão não é a mesma. Ainda é revolucionária e violenta por parte de Sartre. Camus já não é revolucionário: é um homem revoltado que rejeita em bloco o universalismo jacobino e o universalismo comunista.

A originalidade de Camus está ligada à sua capacidade de não se rotular e não se fechar a uma ideia-fixa. Discute no romance o absurdo e a sua superação por meio da revolta, trazendo

essa discussão também para o plano filosófico sem torná-la pedante, distante da realidade e embebida de suposições metafísicas, comum em sua geração.

Considerações finais

No presente ensaio, buscou-se enfocar a relação entre a vida e a obra de Camus, mostrando que a sua condição socioeconômica e o contexto socioeconômico e político da Argélia em que ele estava inserido influenciou na elaboração de sua obra. Tentou-se mostrar ainda que, em um primeiro momento, Camus se aproximou dos existencialistas quando abordou o tema do absurdo. Porém, quando Camus passou a discutir a revolta, elaborando e aprimorando este conceito, houve uma ruptura entre ele e os existencialistas e os comunistas, com os quais ele anteriormente teve vínculo. A partir deste momento, Camus passou a defender explicitamente o absurdo e a revolta, inaugurando uma fase caracterizada pelo amadurecimento, pela serenidade e, principalmente, pela independência intelectual.

Referências bibliográficas:

- CAMUS, A. *A morte feliz*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2003a.
- _____. *A queda*. Tradução de Valerie Rumjanek. São Paulo: Círculo do Livro, S/D.
- _____. *Estado de sítio*. Tradução de Maria Jacintha e Antônio Quadros. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *O avesso e o direito*. Tradução de Valerie Rumjanek. 6ª ed. São Paulo: Record, 2007.
- _____. *O estrangeiro*. Tradução de Maria Jacintha e Antônio Quadros. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003b.
- _____. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *O primeiro homem*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silverira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- LIPPOLD, W. R. O Pensamento Anticolonial de Frantz Fanon e a Guerra de Independência da Argélia. *Monographia*. nº 1. Porto Alegre: UFRS, 2005.

PINTO, M. da C. “Uma ficção autobiográfica sobre a impossibilidade da memória”. In: CAMUS, A. *O primeiro homem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, J. P. *Introdução*. In: CAMUS, A. *O estrangeiro*. Lisboa: Livros do Brasil, S/D.

TODD, O. *Albert Camus: uma vida*. Tradução de Monica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.